

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
20 e 31 de Março de 2025

LA LIGNE D'OMBRE / 1973

Um filme de Georges Franju

Realização: Georges Franju / Argumento: Louis Guilloux e Georges Franju, baseado no romance homónimo de Joseph Conrad / Direcção de Fotografia: Marcel Fradetal / Direcção Artística: Jean Mandaroux e Jean-Claude Dolbert / Som: Pierre Vuillemin / Montagem: Gilbert Natot / Interpretação: Jean Babilée (capitão Marlowe), Roger Blin (Burns), Jean-Paul Tribout (tenente), Luis Masson (Ransome), Margo Lion (governanta), Jacqueline Parent (Alice), Raymond Jourdan (médico), Jacques Bernard (Gabriel), Martine Chevallier (Marie), etc.

Produção: Televisões de França, Itália e Alemanha Federal / Cópia digital (DCP), colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 86 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Esta **Ligne d'Ombre** de Georges Franju precede em três anos a mais famosa adaptação explícita do romance de Conrad, a de Andrzej Wajda, **Smuga Cienia**. Como o **Folie Almayer** de Vittorio Cottafavi, também incluído neste ciclo (como, aliás, o de Wajda), insere-se numa linha de produção de telefilmes baseados em obras literárias, com a mesma origem (televisões francesas, italianas e alemãs, exactamente as mesmas em ambos os casos) e até os mesmos colaboradores (Louis Guilloux encontra-se entre os argumentistas quer do Franju quer do Cottafavi), que chamou à realização alguns nomes maiores do cinema europeu que estavam, nesta altura, em decréscimo de popularidade, com cada vez maior dificuldade de acesso aos meios de produção do cinema “para cinema”.

Franju era, indubitavelmente, um caso gritante desta perda de popularidade, condenado a passar os últimos anos de actividade a trabalhar para a televisão, por uma questão de necessidade muito mais do que por uma questão de vontade. O seu último filme feito para as salas de cinema fora **La Faute de l'Abbé Mouret** (outra adaptação literária, Zola no caso), uma obra de 1970 que por acaso é um belíssimo filme mas praticamente não teve eco nenhum, nem crítico nem comercial, assim ditando o destino de Franju. Todo o período final do seu trabalho, ao longo da década de 1970, foi feito na televisão, na direcção de séries ou telefilmes (e mesmo o seu “último hurrah”, **Nuits Rouges**, de 1976, o derradeiro Franju estreado em sala, foi concebido e produzido como telefilme).

Da maior parte dos trabalhos que aceitou dirigir para a televisão, **La Ligne d'Ombre** até seria um daqueles que maior interesse pessoal lhe despertaram. “*Vaisseau funeste, immobile, silencieux, où les hommes, terrassés par le choléra, se meuvent au ralenti ou dorment en frissonnant. Capitaine Marlow en quête de son destin. Climat insolite, onirique, et aussi réaliste. Celui de mes prédilections. Il me restait à réaliser le film*”, resumiu posteriormente, numa nota que também deixa perceber que o seu interesse

residia menos em Conrad de *per se* do que nas características desta história em particular, na vacilação da realidade ou do realismo, na possibilidade da poesia fantástica que está no coração dos seus melhores e mais célebres filmes.

Ao mesmo tempo, a produção exigia-lhe, sem escapatória, que filmasse a cores, que era algo que Franju confessadamente detestava - a decisão de “reduzir” a paleta cromática de **La Ligne d’Ombre**, filme a cores mas com poucas cores, brancos, castanhos, cinzentos enevoados, talvez seja uma consequência desta aversão, mas é um filme “claro”, curiosamente com poucas “linhas de sombra”, e que nada tem a ver com o Franju, escuro e nocturno, dos **Yeux Sans Visage**, por exemplo. Digamos que a matéria de *sugestão* – essencial à história de Conrad, como genericamente é essencial no fantástico – vê o seu poder danificado, e é-nos difícil seguir os (muito poucos) entusiastas do filme quando referem um relação entre ele e os clássicos da série B da oficina de Val Lewton, e em particular o **Ghost Ship** de Mark Robson (que é um filme fabuloso, até surpreendentemente dando-se o facto de Robson ser por hábito o mais desenxabido dos realizadores que estiveram ao serviço de Lewton). Há uma “linha de sombra” no filme, de facto, mas é a linha que separa o filme que Franju fez do filme que queremos ver nele, e nesse espaço de sombra projectamos os fantasmas do Franju que mais admiramos. O que não tem mal nenhum como exercício de afeição, mas não é sempre possível, e nem o elenco o permite, constituído como é por um leque de actores sem grande carisma ou presença, ou cujos carisma e presença (o caso do Marlowe de Jean Babilée, ex-bailarino, actor raro e singular, que Franju trouxe de **Pleins Feux Sur l’Assassin**) se prestam mais a um tipo de acção e de movimento desenrolado no espaço físico, preferencialmente, não no espaço mental.

Luís Miguel Oliveira